

## Desconstruindo mitos O Estado empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs. setor privado, de Mariana Mazzucato<sup>1</sup>

---

*Deconstructing myths.  
The Entrepreneurial  
State: debunking the  
public vs private  
sector myths, by  
Mariana Mazzucato*

---

**Cristiano Correa de Azevedo Marques<sup>2</sup>**

---

1. Mariana Mazzucato (PhD) é economista e leciona economia da inovação na Universidade de Sussex, no Reino Unido.

2. Pesquisador do Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan. Email: cristiano.marques@butantan.gov.br.

---

Desconstruir mitos é uma tarefa difícil, ousada e às vezes ingrata, mas fundamentalmente necessária. Sempre! Essa é a proposição da autora do livro *O Estado empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs. setor privado*, que defende a tese segundo a qual, entre tantos outros mitos do mercado, o capital de risco é o maior deles. Nessa perspectiva, Mazzucato defende de forma competente, clara e objetiva, às vezes até repetitiva, sua argumentação sobre a necessidade do Estado para “garantir os riscos” do setor privado. A seleção de casos no tratamento empírico da questão é primorosa, permitindo ao leitor acompanhar e apreender seu ponto de vista.

O senso comum, alimentado pela mídia, estabelece as verdades ou mitos de que o Estado pesado, burocrático, lento – e, em certos casos, suscetível à corrupção – não é capaz de assumir riscos e produzir inovações que conduzam ao desenvolvimento econômico e à melhora das condições de vida e bem-estar da humanidade. Nos últimos anos, observamos nas prateleiras das livrarias uma profusão de biografias e autobiografias de lideranças que alcançaram sucesso com seu espírito empreendedor, assumindo riscos no

mercado para vender suas ideias e produtos inovadores. Donald Trump, Bill Gates, Steve Jobs e até Edir Macedo são alguns exemplos dessas personalidades.

O discurso contra-hegemônico é arriscado, particularmente na era da comunicação. A mídia tem construído grande parte de percepções, que se deslocam dos fatos. Chomski, em 2002, de forma contundente argumentava que “considerando o papel que a mídia ocupa na política contemporânea, somos obrigados a perguntar: em que tipo de mundo e sociedade desejamos viver?” (Chomski, 2013). Nesse sentido, Mazzucato procura em seu livro mudar a maneira como falamos do Estado, desmontando imagens e histórias de cunho ideológico – e separando os fatos da ficção.

Nesse ponto, Hobsbawm é incisivo: “para nós historiadores, inclusive para os antipositivistas mais intransigentes, a capacidade de distinguir entre ambos (fato e ficção) é absolutamente fundamental” (Hobsbawm, 1998).

Mas vamos aos fatos. Em 2011, David Cameron, primeiro-ministro do Reino Unido, em seu programa “Big Society”, “prometeu cuidar dos inimigos das empresas que estavam trabalhando no governo e que ele definiu como burocratas em departamentos do governo”. Por meio de discursos como esse, verificamos que os serviços públicos em todo o mundo estão sendo terceirizados. Educação, Saúde e até a Segurança Pública. Em um exemplo recolhido pela autora e ao qual a mídia, pelo menos no Brasil, não deu a devida atenção, constatamos que “o escândalo recente envolvendo a terceirização da segurança das Olimpíadas de Londres em 2012 para uma empresa contratada, que por pura incompetência não cumpriu o prometido, levou à convocação do Exército Britânico para cuidar da segurança durante as competições”, demonstrando que, na terceirização, nem tudo é eficiência.

Para discussão de casos, Mazzucato foca três setores sensíveis da economia mundial: Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), Biofármacos e Tecnologia verde (energias alternativas). Analisa separadamente cada setor, identificando, por trás de

cada inovação tecnológica, o Estado – que, por meio das agências governamentais, institutos de pesquisa e universidades públicas, investiu o “capital de risco” em pesquisas de fronteiras, enquanto o setor privado aguardava os resultados para, naquelas inovações que apresentassem viabilidade de mercado e retorno financeiro de curto prazo, fazer seu “investimento de risco”.

No caso da TIC, verificamos que o desenvolvimento de microprocessadores, bateria mais leve e de maior durabilidade, semicondutores de silício e softwares avançados, como o GPS, tem sua origem em pesquisas desenvolvidas e/ou financiadas pela “Defence Advanced Research Projects Agency” (DARPA) e outras agências governamentais. Nesse setor, em especial, a presença militar e aeroespacial tem sido central.

O desenvolvimento de novas entidades moleculares (NEM) e anticorpos monoclonais, utilizados na indústria farmacêutica, por exemplo, tem seu local de origem em instituições do governo norte-americano como o National Institute of Health (NIH), que financiaram 75% das NEM patenteadas entre 1993 e 2004.

A revolução verde, uma das áreas mais sensíveis da economia mundial, envolve não somente a mudança de matriz energética baseada no carbono, (devido ao esgotamento das reservas mundiais); implica também a questão climática, com destaque para o aquecimento global. Nesse setor, os investimentos de P&D em energia eólica e painéis solares, que atingem cifras astronômicas, ao lado de governos de países como Alemanha, Dinamarca, EUA e China, têm papel preponderante. A China, por intermédio do Banco de Desenvolvimento Chinês, disponibilizou, a partir de 2010, 46 bilhões de dólares para financiamento de empresas de painéis solares.

Mais do que o investimento em P&D, o Estado viabiliza o mercado de novas tecnologias, na compra de produtos e serviços das empresas que se dispõem ao pioneirismo, até que estas atinjam sustentabilidade, tornando-se economicamente atrativas para o capital de risco. Em relação a esse quesito, o livro

3. PDPs são parcerias para o desenvolvimento produtivo, instrumento criado pelo governo federal para a incorporação de novas tecnologias.

4. Mais informações no link: <http://www.reuters.com/article/us-innovation-rankings-idUSKCN0WA2A5>. (acessado em 20.03.2016).

também aborda casos em que o Estado fez apostas erradas. Empresas faliram e o Estado teve que assumir os prejuízos e reorientar os investimentos e o capital científico e tecnológico acumulado.

Para além das análises e argumentações, Mazzucato também é propositiva. Considerando seu país de residência, a Inglaterra, a autora apresenta dez recomendações de políticas econômicas para o Reino Unido, muitas das quais podem não fazer muito sentido para nós (emergentes), mas que, no entanto, são úteis para o debate sobre políticas de desenvolvimento econômico e social.

Aplicando essas ideias ao caso brasileiro, em relação às políticas governamentais de C,T&I (ciência, tecnologia e inovação) preconizadas, as reflexões desenvolvidas pela autora apoiam de certa maneira uma presença maior do Estado na função de empreendedor, envolvendo o BNDES e os ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia no apoio às PDPs<sup>3</sup> e, assim, fortalecendo os laboratórios públicos, entre outros, gestando um modelo de desenvolvimento tecnológico mais autônomo e visando diminuir o déficit da balança comercial na área da saúde.

Encerramos ressaltando que essa é uma obra oportuna e necessária para a reflexão, especialmente àqueles que se preocupam com o desenvolvimento econômico do Brasil, onde tanto se fala da economia do conhecimento (informação) e tão pouca informação é compartilhada. A condição suprema da produção, portanto, é a reprodução das condições de produção (Althusser, 1994). Um fato interessante a se observar é que, durante a redação deste texto, a Agência Reuters publicou o resultado da pesquisa sobre as instituições de investigação mais inovadoras do mundo em 2015. Das 26 primeiras colocadas no ranking, a maioria absoluta são agências e institutos governamentais.<sup>4</sup>

## Referências

Althusser L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para uma investigação). In: Zizek S (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994.

Chomsky N. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2013.

Hobsbawm E. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mazzucato M. *O Estado empreendedor: desmascarando o mito do setor público vs setor privado*. São Paulo: Companhia das Letras (Portifolio-Penguin), 2014.

Data de recebimento: 23.03.2016

Data de aprovação: 30.03.2016